

Ecologista é ameaçado pela 12ª vez

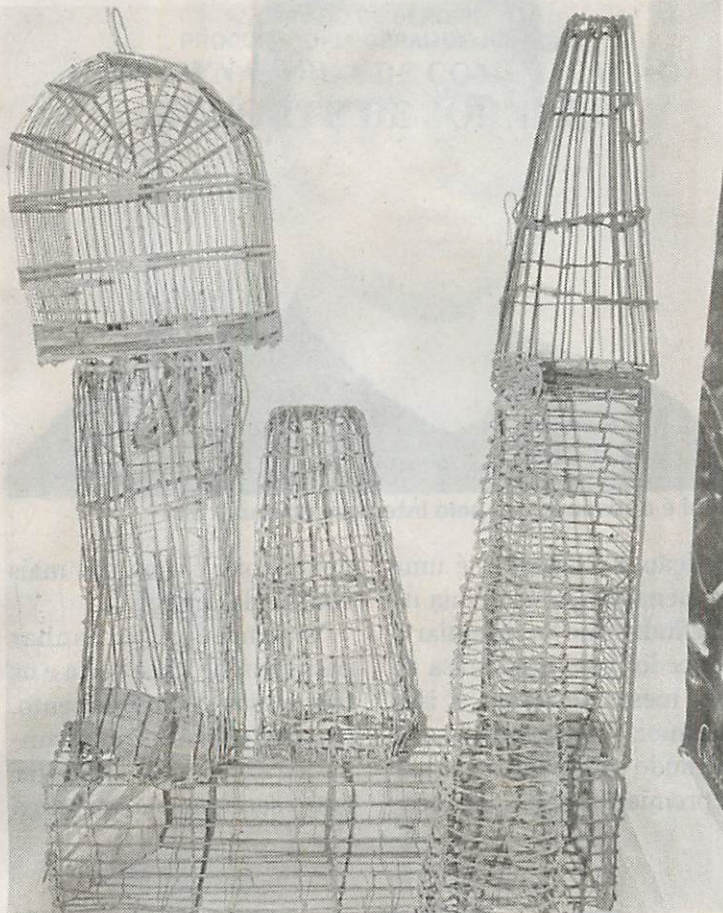
A prisão de armadilhas montadas ilegalmente em área de reserva florestal incomoda caçadores da região

■ A reserva florestal Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, em Capela, Região Leste do Estado, é bastante respeitada pelos caçadores que fizeram acordo com os ecologistas do local, no entanto, ainda há aqueles que resistem em respeitar a natureza e os limites impostos para a preservação das espécies do local.

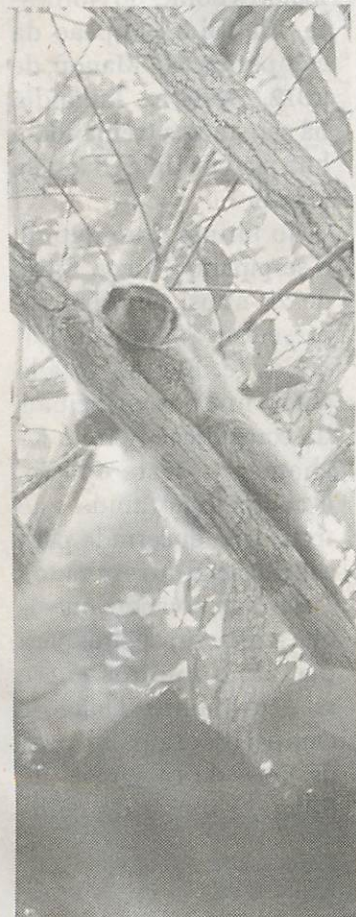
Há duas semanas, o ecologista e chefe da Brigada de Combate a Incêndio Florestal, Marcelo José Silva, o Marcelo Guigó, recebeu uma ligação de número restrito, cujo interlocutor reclamou e acusou Marcelo de ter recolhido duas armadilhas - conhecidas como giqui -, montadas por ele na mata.

“Ele disse que ia me pegar e me arrebentar todo se continuasse pegando as armadilhas que são montadas para pegar animais como tatu, cutia e paca. Eu gravei a ligação e fui dar uma queixa na delegacia, mas, lá, fui informado que teria de ir ao **Ministério Público** para registrar o problema”, explicou Marcelo.

O ecologista lembra que essa é a 12ª vez em que é ameaçado. Quase sempre são ameaças psicológicas e anônimas. “Eu já recebi muitos recados dizendo que se não parasse de atrapa-



Armadilhas colocadas na mata pelos caçadores



Juju é o macho do grupo



Marcelo Guigó: “Não vou deixar de fazer meu trabalho”

lhar, ia sofrer na pele. Eu jamais vou deixar de fazer o meu trabalho por causa das ameaças. Estou aqui há cerca de 20 anos, porque meu pai também trabalhou aqui, e agora já faz cinco anos que sou funcionário. Isso aqui é a minha vida”,

ressalta Marcelo Guigó.

O Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco tem mais de 800 hectares de terras preservadas e os pesquisadores já perderam as contas do número de espécies encontradas no local. “Recentemente, foi identificado um

pássaro conhecido como olho-de-fogo, que é uma ave endêmica, ou seja, só existe aqui”, afirma o ecologista.

Enquanto a equipe estava na Mata do Junco conversando com Marcelo, pôde acompanhar o movimento de grupos de sagui e do macaco-guigó. “Eles estão muito acostumados com o local, sabem que ninguém mexe e ficam muito tranquilos por aqui. Eles passam diariamente nessa rota para comer. Esse nós chamamos de Juju, é o macho do grupo”, mostrou Marcelo. Apesar das ameaças, ele garante que vai continuar fazendo o trabalho dele e colaborando com a preservação das espécies que vivem no local. ■